

# **A EVOLUÇÃO DA DANÇA ZORE E SEU CONTRIBUTO À TRADIÇÃO DA LOCALIDADE DE GOLO, DISTRITO DE HOMOÍNE, PROVÍNCIA DE INHAMBARNE (1960-2000)**

**Por: Iceu Carlos**

Docente da Faculdade de Ciências Sociais e Filosóficas

Departamento de Ciências Sociais

Universidade Pedagógica, Massinga, Moçambique

Email: [iceucarlos@hotmail.com](mailto:iceucarlos@hotmail.com) [Licenciado em  
Ensino de História, Mestrado em Ciência Política]

## **Resumo**

O presente artigo tem como assunto: manifestações culturais no sul de Moçambique; Objecto: Danças tradicionais no distrito de Homoíne; cujo tema: a evolução dança *Zore* da localidade de Golo (1960-2000). O trabalho tem como objecto geral: compreender a evolução da dança *Zore* e seu contributo à tradição da localidade de Golo (1960-2000). O mesmo está organizado em três distintos momentos. O 1º momento é o de descrever geográfica e antropologicamente a localidade de Golo; o 2º caracterizar a dança *Zore* da localidade de Golo e, o 3º analisar a evolução da dança *Zore* ao folclore da localidade de Golo (1960-2000); A pesquisa concluiu que, o tema referente a evolução da dança *Zore* é importante, pois permite-nos aferir o dinamismo cultural da mesma desde o tempo colonial até ao pós-independência. Inicialmente a dança *Zore* não era praticada por crianças, mas por adultos (homem e da mulher). Os homens realizavam movimentos fortes e vigorosos. As mulheres como actrizes realizam movimentos mais suaves. Durante a dança as mesmas eram colocadas tingelas de circunferência. Entretanto, com as mudanças estruturais ocorridas em Moçambique a partir da década de 90 e os efeitos da globalização permitiram algumas alterações no formato da dança *Zore*, já que, começou a incluir crianças no momento da sua execução, o próprio veste foi se modificando, a coreografia foi integrando igualmente traços externos. Em suma, pode-se concluir que, a dança *Zore* não ficou parada no tempo porque, o homem pela sua natureza é produto das relações.

**Palavras-Chave:** evolução, dança, *Zore*, localidade, Golo, Inhambane, Moçambique.

## **Introdução**

Este artigo tem como assunto: manifestações culturais no sul de Moçambique; Objecto: Danças tradicionais no distrito de Homoíne; cujo seu tema: a evolução dança *Zore* da localidade de Golo (1960-2000). A escolha deste tema deveu-se à necessidade de querer compreender a evolução dança tradicional *Zore* da etnia *vatswa* da localidade de Golo no período acima referenciado.<sup>1</sup>. Quanto à escolha da localidade de Golo, explica-se pelo facto da mesma ser recorrente no que concerne à prática desta dança em convívios, eventos do governo local assim como em cerimónias rituais. Um outro factor é a língua *xitswa* da zona que facilitou a comunicação na recolha dos dados. A escolha de 1960, deveu-se ao facto de ser o ano em que se intensificara a resistência à ocupação colonial em Moçambique. A colonização não encorajou a prática da dança *Zore* devido ao teor das suas mensagens contestatárias. Assim, as populações nativas não praticavam livremente esta dança. Portanto, a dinâmica desta dança foi bastante fraca que quase levaria à sua extinção. Por outro lado, 2000 justifica-se por ser o ano em que a mesma dança passou a ser praticada por pessoas de todas as faixas etárias. Ainda no mesmo ano, verificou-se uma revalorização das culturas tradicionais por parte do Estado moçambicano com a realização do 1º festival nacional da cultura.

De facto, numa perspectiva teórica e prática, as danças tradicionais representam um mosaico cultural de Moçambique. Estudar a dança *Zore* é importante na medida em que, a pesquisa procurou encontrar virtudes e limitações dos aspectos relacionados com a evolução daquela dança da localidade de Golo. O artigo reflecte os processos e procedimentos peculiares da dança *Zore*, das dinâmicas dos diferentes momentos da História cultural de Moçambique, o que poderá ser um contributo à cultura tradicional do distrito de Homoíne, da província de Inhambane e do país.

## **Procedimentos metodológicos**

A abordagem deste tema obedeceu o método etnográfico, também conhecido por método de observação participante, ou ainda trabalho de campo. Para a concretização deste trabalho foi necessário: (i) consultar a bibliografia que fala do tema para compreender o nível de abordagem de modo a se elaborar resumos e fichas de leituras; (ii) recorrer-se ao mapa geográfico para encontrar elementos da localização geográfica da região onde a localidade está inserida; (iii) Neste sentido, usou-se a técnica da entrevista a universo de cerca de 10 membros da comunidade, eleitas

---

<sup>1</sup> O mesmo tema enquadra-se também à disciplina da História Social e Cultural de Moçambique;

de forma aleatória, dos quais: a) dois líderes comunitários a fim de recolher o legado da dança *Zore* da localidade e as possíveis formas de sua conservação e disseminação. Por outro lado, encontrar evidências do que se possa considerar resultados provenientes dos ensinamentos da dança tradicional *Zore*; b) quatro assistentes, com diferentes experiências acerca da dança tradicional *Zore* da localidade de Golo; e c) quatro actuantes que participam activamente na dança *Zore* naquela localidade. Ainda no âmbito da entrevista, foram privilegiadas pessoas que vivem naquela localidade há cinco anos ou mais.

## **1.LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA LOCALIDADE DE GOLO E BREVE HISTORIAL**

Segundo MAE<sup>2</sup> (2007, p. 15) a localidade de Golo com área de 894 km localiza-se no extremo Sul do distrito de Homoíne província de Inhambane. A sua população pertence ao grupo étnico tswa e mais pequenas representações dos “bitongas” e “chopes”. A mesma é composta por 10 povoados que um deles é o povoado de Zualo onde se encontra inserida a dança tradicional Zore, cuja sua influência abrange todos outros povoados e a sua população é estimada em 1953 habitantes. Quanto aos limites geográficos da localidade de Golo<sup>3</sup>; A Norte faz fronteira com a localidade de “Mubecua” em Homoíne. A sul faz limite com cidade da Maxixe, com as localidades de Bembe e Inhamússa, Este limita-se com o distrito de Jangamo e, por fim a Oeste faz fronteira com localidade de Xinginguire.

Até 2007 a população existente na localidade de Golo estimava-se a um número de 1953 habitantes. Os mesmos são falantes da língua “Xitshwa” e estão divididos por dois grupos étnicos: “matswas” que falam “Xitshwa” e “bitongas” que falam “bitonga”. Deste modo, a área em estudo é habitada pelo povo que fala as duas línguas. (SGD<sup>4</sup>, 2010, p. 14)

Jacinto Kofe, líder tradicional daquela localidade sustenta que,

“Os régulos tem presidido cerimónias de pedido de chuva, distribuem terras para as populações e resolvem os conflitos sociais. Os mesmos têm uma importância muito grande para a disseminação e imortalização da cultura e tradição das comunidades desta localidade. A comunidade acredita que os defuntos podem castigar-lhes através da sua acção espiritual no caso de não se observar convenientemente as regras culturais identitárias da região”. (*Cp, Localidade de Golo, 13/07/2015*)

De facto, as lideranças autóctones tem um papel fundamental não só na disseminação dos valores culturais geracionais da região como também na sua preservação. A tradição e folclore locais são o substrato cultural das comunidades.

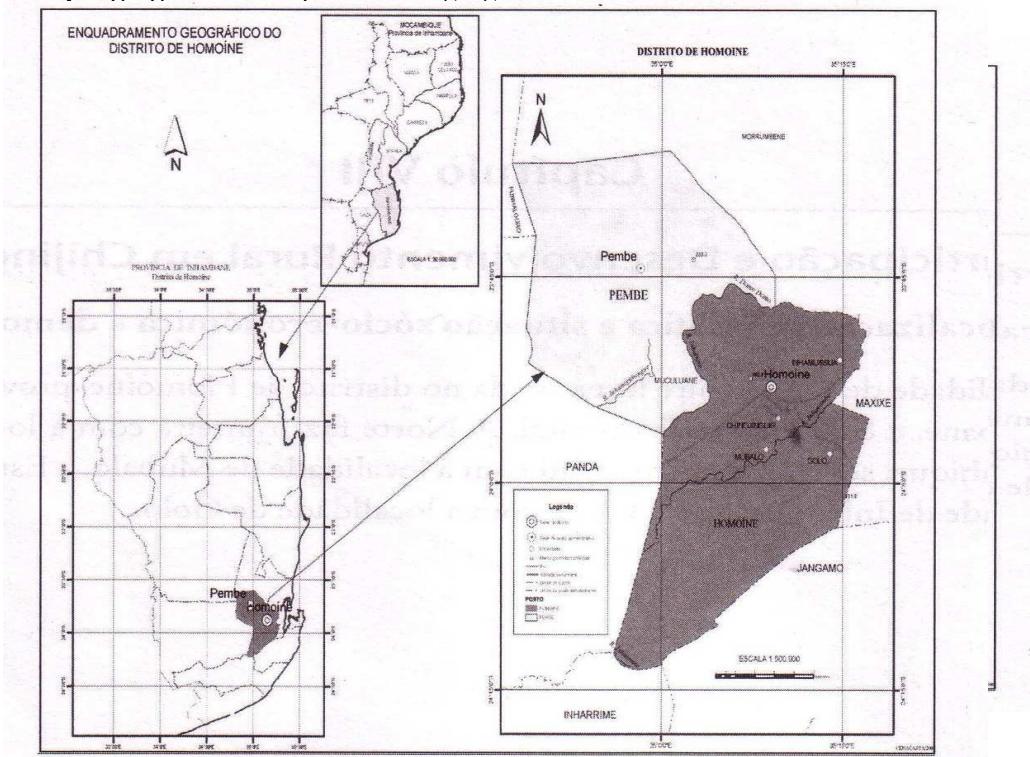
---

<sup>2</sup> Perfil do distrito de Homoíne: Província de Inhambane.

<sup>3</sup> Ver a imagem da p.8 referente a localização geográfica da localidade de Golo.

<sup>4</sup> Secretariado do Governo Distrital de Homoíne (SGD).

## Mapas geográficos 1 Enquadramento geográfico do distrito de Homoíne e localidade de Golo



Fonte: MAE, (2010, p. 15)

Como se pode depreender, a figura acima representa a localização geográfica do distrito de Homoíne bem como da localidade de Golo. Por conseguinte, é possível notar que Golo situa-se no extremo sul do distrito de Homoíne.

### 1.2.Principais actividades económicas

Segundo Maússe (2009, p. 78) no âmbito económico, o distrito onde a localidade se encontra possui extensas terras férteis, razão pela qual, a agricultura é a actividade que garante a sobrevivência da população local. Além disso, pratica-se ainda pecuária (a criação de gado bovino, suíno, caprino e de aves: galinhas e patos). A pesca, a caça, o comércio informal também constituem outras actividades.

SGD<sup>5</sup> (2010, p. 14) corrobora com o autor supracitado, ao afirmar que, *no geral as principais potencialidades da localidade de Golo evidenciam-se pela existência de zonas férteis que*

<sup>5</sup> Secretariado do Governo Distrital de Homoíne (SGD). Caracterização e Divisão Administrativa do Distrito. Homoíne. 2010, 26p.

permitem a prática da agricultura e pastagem, condições ambientais adequadas para o desenvolvimento de actividades económicas.

Portanto, a localidade de Golo é caracterizada pela prática da agricultura pelas suas populações. As outras actividades tais como: comércio, mineração, pecuária, pequenas fabriquetas de sabão e óleo são complementares à economia da localidade. Venancio Zacarias, (líder comunitário) afirmou que, a agricultura na localidade de Golo é praticada pelo sector familiar em condições predominantemente de sequeiro e nas baixas. Em relação às épocas de cultivo regista-se duas situações diferentes. Assim, a agricultura pratica-se em duas épocas sendo a 1<sup>a</sup> de Outubro a Março e a 2<sup>a</sup> de Abril a Maio. As principais culturas são: amendoim, feijão-nyemba, arroz, hortícolas, milho, batata-doce e reno, mandioca, banana, ananases e Caju. Para além destas culturas, produz-se também o coco e Citrinos (laranjeiras, tangerineiras, papaieiras, abacateiros).

### **1.3.Descrição sócio - antropológica da localidade de Golo**

Neste subtítulo pretende-se fazer uma breve descrição dos matswas desta localidade nos aspectos referentes a sua alimentação, habitação, casamentos, indumentaria, morte e a prática de cerimónias mágico-religiosas.

Segundo, Ribeiro, (1998, p.63) à semelhança dos aspectos culturais do povo changana, a alimentação dominante das comunidades desta localidade assenta *em duas iguarias diferentes: uma, a papa<sup>6</sup> de milho chamada wubsa, outra, o molho chamado mutchovelo, apresentadas separadamente em duas peças de louça*. Deste modo, fazendo-se a ponte com as características físico-geográficas da localidade de Golo, na qual a agricultura é a actividade mais desenvolvida das populações, o milho e a mandioca sobrepõem-se como culturas dominantes.

Quanto à habitação, a maioria das residências das comunidades da localidade de Golo é feita de material local, misto e convencional. Nesta localidade foi notória a presença expressiva de casas vulgarmente conhecidas por “mukhukwa”. Trata-se de casas de feitas de chapas de zinco na sua maioria uma prática oriunda da África do Sul.

Augé, (2003, p. 38) define casamento como sendo “um complexo de normas sociais que sancionam as relações sexuais entre um homem e uma mulher e que os liga por um sistema de obrigações e direitos mútuos; por meio desta união, os filhos que a mulher dá luz são reconhecidos

---

<sup>6</sup> Diferentemente da etnia changana, os matswas não moem o milho, “Ku sila”. Estes pilam o milho até se tornar papa; actualmente com as moageiras a actividade se tornou mais facilitado.

como progenitura legítima de ambos os pais”<sup>7</sup>. Neste sentido, pode-se aferir que os casamentos na localidade de Golo obedecem a linhagem patrilinear, onde o casal estabelece-se com ou junto dos pais do marido.

No que diz respeito à indumentária, Jacinto Kofe em entrevista disse-nos que, as comunidades da localidade de Golo, desde o período de luta de libertação até hoje vestem-se de roupas normais. Sendo camisas para homens “*Mahembe*”, e calças “*mabuluku*”. Quanto às mulheres, vestiam-se de “*mukhatchu*” vestidos, e saias “*masaya*”. Entretanto, dado ao dinamismo cultural e a própria mobilidade social, a localidade de Golo não ficou parada no tempo, tendo sofrido os processos de aculturação<sup>8</sup> e desculturação.

## 2.1. Características Gerais da Dança Tradicional *Zore*

Para Laura Pascoal (Membro e Praticante) “a dança é caracterizada da seguinte forma: (i) possuir tambores ou batuques feitos de madeira oca revestido com pele de animal; (ii) por utilizar as mãos e dois chocalhos para tocar batuques; (iii) utilizar apito para dar uma determinada atenção; (iv) por combinar sons de batuques com as canções sintetizando a formação histórica, identidade social e cultural do povo da localidade de Golo; (v) por ser executada em pares ou individual ou mesmo mais de dois: homens e mulheres, com alguns movimentos com o corpo recto mantendo um ritmo vibrante com mais incidência para a cintura”. Sobre o mesmo assunto, Pascoal sublinhou que, os instrumentos usados são batuques como: chapa de zinco designado de “*Tshagala*”, o tambor médio chamado “*Gihoduane*”, dois tambores pequenos apelidados de “*Mikirisos*” e um tambor maior com nome de “*Gikhulo*” (ver a imagem da pagina a seguir).

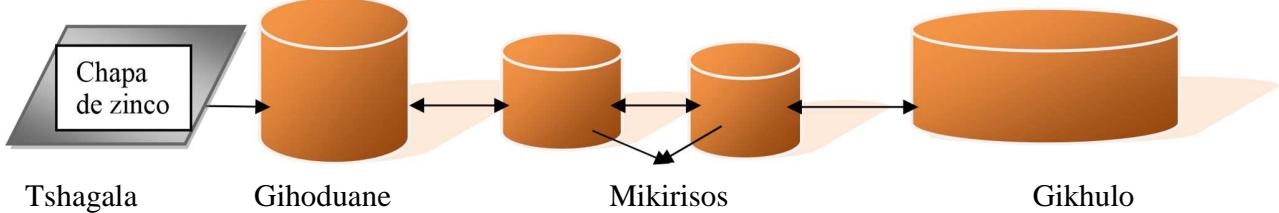
Soromenho (2013, p. 95) afirma que, a maioria das danças tradicionais para a sua execução é indispensável a presença do homem e da mulher. Neste tipo de dança o homem é tido como o dirigente do grupo que a prática. Por essa razão, os autores colocam os homens como actores que realizam movimentos fortes e vigorosos. As mulheres porém, como actrizes que realizam movimentos mais suaves e delicados, segundo os papéis sociais por eles ocupados.

---

<sup>7</sup> Em toda a parte o casamento é objecto de cerimónias rituais públicas, dirigidas por um ou vários membros da comunidade, o que anuncia ou significa não só que o marido, a mulher ou a sociedade reconhecem a mudança de estatuto dos novos esposos, mas ainda a criação de laços jurídicos, sociais económicos entre o grupo de filiação do marido e o da mulher... (Augé, 2003, p. 38)

<sup>8</sup> Entende-se como assimilação de novos hábitos culturais como resultado de relações sociais (troca rápida de informações). Enquanto que, a desculturação é o processo de perda do património cultural.

**Imagen 1:** Indica conjunto de batuques usados na dança Zore



**Fonte:** Autor (2015)

Domingos José Artur outro entrevistado defende que,

“ Quanto à organização do grupo, no momento da sua actuação existem homens que ficam a frente que para além de tocar a batucada também cantam e dançam. As mulheres nas suas mãos são colocadas tingelas de circunferência. Elas também cantam e encantam através de vozes finas e dando louvores e, ao dançar actuam duas a duas. Durante a dança ambas têm mexido as cinturas estendendo os braços para frente como forma de assegurar a estabilidade sob o risco de cair e perdendo o ritmo normal do som dos batuques.”. (*Cp, Localidade de Golo, 13/07/2015*)

De facto do exposto acima pode-se concluir que, a dança *Zore* apresenta uma estrutura atípica que garante o seu funcionamento. Os homens e as mulheres desempenham um papel muito importante na execução da mesma. Eles cantam e dançam. Contudo, outros casos desempenham funções distintas, como é o caso de tocar, que é uma tarefa exclusiva dos homens. Os instrumentos da dança tais como: batuques e tambores de diversos tamanhos tem a função de combinar diferentes sons. Por essa razão, na ausência de um batuque não se pode realizar a dança. Ainda sobre a execução daquela dança, a parte mais executada que é a cintura, faz com que de certo modo, marque diferença com outras danças tradicionais que exigem a vibração de todo corpo como Mapico, Xiquema, Timbila, etc

## 2.2. Contributo da dança Zore na educação tradicional

Para Gilda António (Membro e Praticante) a dança tradicional *Zore* era praticada nas cerimónias familiares das comunidades tais como: missas dos antepassados, em ocasiões recreativos e nas cerimónias fúnebres. Em cerimónias fúnebres as canções da dança são consolatórias às famílias enlutadas como também a comunidade. São canções que têm a finalidade de unir famílias, evitando desse modo, conflitos que podem surgir depois da morte de um membro de uma determinada família. A entrevistada corroborando com Armindo Adriano (líder do grupo da

dança) afirmou que nesses eventos a dança tradicional *Zore* proporciona uma educação local, dado que, abre momentos de reflexões em torno da vida dos antepassados, mostrando a solidariedade, união, tolerância, contestação de certos comportamentos desviantes da vida local e preservação da dança como algo identitário. A dança *Zore* é um veículo transmissor de hábitos e costumes dos principais momentos das famílias locais. Por exemplo a maneira de vestir (capulanas e lenços para o caso de mulher), a maneira de confeccionar os alimentos, os rituais do casamento local.

Soromenho (2013, p. 161) enriquece os depoimentos dos entrevistados defendendo que, a dança, música, canto e outras actividades associadas contribuem para a educação cívica das populações urbanas e rurais em matérias de interesse nacional: a saúde pública, a reconciliação nacional, a democracia, a tolerância, a preservação do meio ambiente etc. A dança ajuda ainda a ultrapassar barreiras étnicas e linguísticas de carácter social e ritual. Portanto, ela serve como meio de propaganda e educação do povo.

Nos pronunciamentos de Jacinto Kofe, constatou-se que, a dança *Zore* proporciona o momento de lazer que culmina com uma reflexão da vida. As mesmas levam gerações mais recentes a perceber que cada povo tem os seus hábitos, costumes e valores culturais que devem ser mantidos. Kofe diz ainda que, o que dificulta o papel educativo da dança é a convergência entre o “local” e o “global”. Quer dizer, o mundo está globalizado e a população local dá mais primazia a aspectos culturais não locais. Por exemplo, podia-se programar o dia e a hora de actuação da dança podendo ser de dia ou a noite, as pessoas não apareciam alegando que era para as gerações passadas e está fora da moda e preferirem ir assistir um filme terror ou escutar música estrangeira em língua que as mesmas não entendem. Assim, a camada jovem fica ultrapassada e desinteressada pela cultura local. As abordagens acima são suportadas pelo Soromenho (2013), ao afirmar que:

“ [...] As novas manifestações da “dança africana” a sua importância é [...] afirmação de um contraponto perante a herança dissolutora do passado colonial. [...], esta particularidade seria especialmente relevante em muitos contextos africanos, já que a dança tende a constituir-se culturalmente como uma prática que tem como função ser um indicador dos sistemas valorizados pela comunidade, para expressar e interpretar vários eventos da vida. A participação na dança em outras manifestações da cultura expressiva é uma experiência da comunidade. A dança fornece ligações necessárias, ajudando a sedimentar afinidades grupais baseadas na religião, numa língua comum e na solidariedade, que asseguram relações sociais significativas, respeito mútuo e um sentido de pertença entre os membros das diversas comunidades. A sua criação e a prática são vistas como uma responsabilidade colectiva. É portanto a comunidade que dita as regras que orientam a criação e a prática da dança.” (p. 32)

De facto, esta dança estimula o espírito de convivência social distanciando-se dessa maneira do isolacionismo, ela também contribuiu para a disseminação da prostituição na localidade, como também a mesma abre espaço de existência de divórcios entre os casais, dado que, muitas das vezes era praticada a noite, onde crianças, jovens e mesmos adultos aproveitam o momento para fazer coisas que contrariam as normas de convívio social. A mesma abordagem é secundada pela Armindo Adriano ao afirmar que:

“Os meus netos quando chegasse o final de semana não cumpriam as tarefas de casa, ou porque tinham que ensaiar partindo das 8 até 12 horas e retomar os ensaios das 15 até 18 horas para actuar nos domingos. Eles não tinham mais tempos para fazer tarefas de casa, ora faziam acima da hora do almoço ou jantar, ora as vezes amanhecia na dança e no dia seguinte era luta para acordá-los”. (*Cp, Localidade de Golo, 13/07/2015*)

De facto, a prática desregrada da dança por menores pode ter contribuído para a desobediência dos preceitos étnico-morais das famílias que são fundamentais para a vida. Não concordando com as duas posições acima descritas, Domingos José Artur, admite porém, que, a dança tradicional *Zore* foi e é útil para a educação da localidade de Golo, visto que, a mesma no âmbito da sua execução, as canções são acompanhadas de gestos como uma forma de incluir as pessoas com problemas auditivas, ensinando dessa forma a comunidade local que devem-se respeitar as diferenças e as pessoas com necessidades educativas especiais a não ser excluídas da sociedade.

Venâncio Zacarias (líder comunitário) começa por elogiar certos factos, ao considerar que entre as décadas 60 e 80 a dança *Zore* era praticada nos momentos da realização dos ritos de iniciação a nível local, onde as mulheres eram feitas tatuagens<sup>9</sup> nos seios, nas nádegas, no umbigo e nas bochechas quando atingissem a puberdade. O mesmo acrescenta ainda que, em cerimónias fúnebres, a dança consolava a família enlutada, fazendo-a perceber que a morte é o caminho de cada um de nós. Todavia observam algumas críticas, tais como: a) os casamentos prematuros, pois bastou que a rapariga atingisse a puberdade era submetida a tais ritos como preparação para o lar; e b) promoção à prostituição, uma vez que a dança era praticada com frequência nas noites.

Renalda Domingos & Gonçalves Zacarias reconhecem o contributo da dança na educação local, pois, asseguram que, a dança contribuiu bastante para a socialização entre as pessoas, as culturas e raça. Ainda de acordo com os mesmos, a dança *Zore* contribui para despertar amizades. Além

---

<sup>9</sup> Eram tidas como algo que “condicionava” a acção prazeria no acto sexual que na época, muitas mulheres não queriam perder.

disso, as canções da dança *Zore* recomendam à sociedade maior respeito com o próximo e aos demais, e em particular aos mais idosos e com as pessoas portadoras de deficiência. Portanto, há aspectos positivos que a dança *Zore* semeou na sociedade de Golo que até no momento prevalecem.

Jacinto Kofe defendendo a importância da dança *Zore*, afirmou que, suas canções exaltam os nomes das figuras que lutaram por Moçambique independente e democrático. Isto é, as canções dessa dança anunciam as personalidades que lutaram para libertação de Moçambique. Além disso, a mesma dança é utilizada para as campanhas referentes a saúde (combate contra malária, cólera...) e conservação do meio ambiente.

Portanto, a dança *Zore* contribuiu na educação local, visto que, suas canções eram e são de intervenção social, (respeito mútuo, tolerância, solidariedade, respeito as pessoas idosas e o respeito pelas diferenças). As suas canções anunciam a importância de certas cerimónias locais (ritos de iniciação e rituais do casamento) e também promovem convívios entre as pessoas da localidade, incutindo nas mentes das mesmas o espírito de igualdade. A dança *Zore*<sup>10</sup> fortalece as leis locais que regulam o funcionamento normal da sociedade.

## **2.DA EVOLUÇÃO DA DANÇA ZORE SOBRE O FOLCRORE DA LOCALIDADE DE GOLO (1960-2000)**

### **2.1.A dança Tradicional *Zore* no período colonial**

Desde a existência da humanidade a dança foi, e é um dos elementos que está presente na vida dos homens em qualquer parte do mundo. Assim, em Moçambique existem variedades de tipos de danças que, o seu povo procurou preservar através das suas práticas até a presença europeia onde a situação veio a tomar outro sentido.

Soromenho (2013, p.29), *com ocupação efectiva em Moçambique pelos portugueses, a prática das tradições (danças tradicionais, e não só) indígenas foi proibida, pois para os colonizadores essas práticas não tinham significado na sociedade por eles idealizada*. E, para manter os radicais distantes das suas tradições, os portugueses introduziram seus modelos para justificar e definir os seus interesses com os quais era possível por vezes atraírem os africanos. Portanto, essas tradições

---

<sup>10</sup> Todavia, a mesma dança, é instrumentalizada pela política para satisfazer as suas necessidade ou os seus interesses. Pois, a política desde muito cedo aproveitou-se quase de tudo que tem aceitabilidade a nível local para alcançar os seus objectivos.

aprovisionaram aos colonizadores modelos de comando nas sociedades africanas e, em particular moçambicanas.

Meyer (1996) sobre o mesmo assunto dá-nos a seguinte contribuição:

“Em toda a parte que sofreu a colonização a tradição das danças sofreu alterações dado que, várias danças de intervenção social foram sufocadas tal como outras canções reivindicativas que de certo modo poderiam colocar numa situação crítica o controlo colonial por parte da metrópole” (p. 57)

Partindo das abordagens feitas acima em torno da dinâmica das danças tradicionais no contexto moçambicano pode-se concluir que, várias tradições do passado foram distorcidas incluindo a dança *Zore* na localidade de Golo, cuja prática desde então, havia sido extinta sob o argumento de que as comunidades deviam converter-se para a religião católica. As populações nativas já não tinham direito de praticá-la livremente, o que significa que, nesta localidade, a dança tradicional *Zore* foi desprezada e desqualificada.

Foi neste processo de desqualificação que Roberto Samuson dançarino e guardião do legado da dança, nos deu a seguinte contribuição:

“Os precursores da colonização portuguesa em Moçambique e, em particular na província de Inhambane não queriam a exaltação da cultura dos povos autóctones. Todavia, a mesma continuou a ser praticada de forma discreta e, nalguns casos como elemento de contestação da colonização”. (*Cp, Localidade de Golo, 14/07/2015*)

Por outro lado, a mesma serviu de força motriz para a revalorização da dança dentro da localidade porque foi através desse desprezo que os povos nativos procuraram reactivar o seu valor e isso verificou-se na época das resistências, como forma de contestar a presença portuguesa naquela localidade, a dança era praticada e em simultâneo incorporadas canções de que contestavam o fim da colonização. Portanto, a dinâmica dessa dança foi bastante fraca que quase levaria ao seu desaparecimento para sempre. (Soromenho 2013, p. 31)

## **1.2.A Dança Tradicional *Zore* no período pós-colonial**

O dinamismo cultural<sup>11</sup> e a mobilidade social<sup>12</sup> que caracterizaram os primeiros anos da independência de Moçambique tornaram a dança *Zore* da localidade em estudo passível a integração de novos elementos no quadro dos processos de aculturação<sup>13</sup> e desculturação.

Rivière, (2011, p. 135-136) defende entretanto que, *a degradação e a transformação das formas antigas de poder operaram-se sob a influência colonial, depois pela constituição de Estados modernos burocráticos*. Neste sentido, na mesma sociedade “sobrepuaram-se dois sistemas de domínio, o tradicional e o moderno, de tal maneira que o administrado joga estrategicamente com um ou com outro,” pois uma vez enfraquecido o poder tradicional, o poder moderno não adquiriu força e estabilidade suficientes, apesar da inflação de ideologias e de símbolos modernistas.

Por outro lado, Rosa (2008, p. 67) depois da independência em Moçambique, a história das tradições locais tomou uma nova direcção. O rejuvenescer das culturas moçambicanas verificou-se com maior nitidez a partir de 1975. A valorização de diversas culturas e modos de expressão cultural nomeadamente: a música, dança e os cantos entoados em línguas locais. Igualmente com o nascimento da nova república popular de Moçambique, estavam criadas as condições para a recuperação e vivência das culturas tradicionais dos chamados “povos indígenas”. Soromenho (2013) enfatizando a abordagem acima descrita acrescenta:

“Com as independências coloniais, os líderes vanguardistas procuraram reconstituir a independência sociocultural baseando-se da herança ancestral. Como se pode exemplificar, o renascimento ou invenção de algumas danças guerreiras que servia de forma de exaltação identitária ligada à recuperação da autenticidade das culturas expressivas, de resgate e revalorização da cultura original”. (p. 29)

---

<sup>11</sup> Martinez (2002, p. 72) afirma que dinamismo cultural refere-se a mudança cultural dos povos como um processo sob ponto de vista diacrónico e sincrónico. Mesmo aquelas culturas que parecem estabilizadas e inertes, também elas estão em permanente movimento.

<sup>12</sup> O mundo actual, dito globalizado é caracterizado entre outras coisas, por uma grande mobilidade de pessoas, de raças, de religiões e de culturas. Quando as pessoas vão de Sul ao Norte, são de todas as maneiras cunhadas de imigrantes e de um eufemismo para dizer que se tem que assimilar. Em contrapartida, a deslocação Norte Sul, independentemente das razões chama-se cooperação, os que dá aos generosos direito a manter as suas especificidades culturais que de todas as maneiras são superiores que práticas dos “indígenas”. (Ngoenha & Castiano, 2011, p. 107).

<sup>13</sup> Entende-se como assimilação de novos hábitos culturais como resultado de relações sociais (troca rápida de informações). Enquanto que, a desculturação é o processo de perda do património cultural.

Do exposto, pode se afirmar que, a revalorização da dança *Zore* na localidade de Golo foi mais notória no período pós-colonial, assim como outras danças tradicionais cujas práticas foram disseminadas. Foi neste contexto histórico em que, o povo local procurou mostrar na sua região como fora dela que, a prática da mesma era de salutar, pese embora os discursos substancialmente contra a tradição local engendrados pelo governo da república popular de Moçambique<sup>14</sup>.

Para sustentar este pensamento, Armindo Adriano líder do agrupamento afiançou:

“O radicalismo contra a tradição, quer dizer, a procura do chamado ‘homem novo’ também caracterizou o governo da Frelimo. Por exemplo, a acção dos curandeiros foiposta em causa. Contudo, no que tange a dança *Zore*, continuou a ser praticada normalmente”. (*Cp, Localidade de Golo, 14/07/2015*)

Com o dinamismo cultural e a incorporação de novos elementos externos à dança propriamente dita, Roberto Samuson (dançarino e guardião) deu-nos a seguinte contribuição:

“A dança *Zore* inicialmente não era praticada por crianças, mas sim por adultos (homem e da mulher). Os homens realizam movimentos fortes e vigorosos. As mulheres como actrizes que realizam movimentos mais suaves. Durante a dança as mesmas eram colocadas tingelas de circunferência. Entretanto, com as mudanças estruturais ocorridas em Moçambique a partir da década de 90 e os efeitos das mudanças permitiram algumas alterações na dança *Zore*”. (*Cp, Localidade de Golo, 14/07/2015*)

Praticamente no mesmo diapasão Venâncio Zacarias<sup>15</sup> em entrevista, deu-nos o seguinte comentário:

“A dança *Zore*, não é a mesma quando comparada com o tempo colonial. Ela foi perdendo alguns traços identitários que caracterizaram-na. A mesma aprimorou novos elementos tais como: a integração das crianças, a modificação do veste e da coreografia”. (*Cp, Localidade de Golo, 14/07/2015*)

De facto, a dança começou a incluir crianças no momento da sua execução, o próprio veste foi se modificando, a coreografia foi integrando igualmente traços externo. Logo depois da independência de Moçambique, foi implementada uma estratégia que consistia na afirmação de Moçambique como nação, onde tentou-se diligenciar uma identidade própria que antes fora

---

<sup>14</sup> Este governo desseminava discursos em torno do homem novo, livre da superstição, e das práticas obscurantistas;

<sup>15</sup> Líder comunitário (13 de Julho de 2015)

ignorada pelos portugueses no território moçambicano. Portanto, a área da cultura passou a preocupar-se em valorizar o (PCN) Património Cultural Nacional. (Soromenho 2013, p. 32).

De acordo com José (2005, p. 13), depois da independência no (artigo 4) da Constituição da República Popular de Moçambique foi incorporado a questão referente a promoção do progresso da cultura dum forma democrática, como uma forma de entender a pluralidade cultural, diversidade de ritmo em seus aspectos históricos, gestuais e educacionais.

Soromenho (2013, p. 17), defende que foi com este artigo em que se notou a abertura de espaço em Moçambique para a fundação de um grupo em Lourenço Marques (hoje Maputo) apelidado Cultura Nacional de Canto e Dança (CNCD)<sup>16</sup> cujo objectivo era de investigar, ensinar danças tradicionais de todo país, recolher, preservar, valorizar e difundir as mesmas, através da teatralização da cultura popular.

Em suma, pode-se concluir que a dança *Zore* não ficou parada no tempo. Ela ao longo desses anos incorporou novos elementos resultantes do dinamismo cultural e da globalização, uma vez que, o homem pela sua natureza é produto das relações.

---

<sup>16</sup> A Companhia foi fundada em 1979, quatro anos após a independência de Moçambique. Nessa altura era composta por trinta jovens artistas amadores provenientes de várias regiões do país que, nos seus tempos livres, se dedicavam à prática da dança e poesia moçambicanas. Em 1983 o governo profissionalizou a CNCD, o que contribuiu para que a companhia fosse progressivamente reconhecida nacional e internacionalmente. Desde a sua fundação, a CNCD tem baseado as suas acções principalmente na realização de danças do património cultural (coreográfico) moçambicano, de expressão popular. A companhia viaja de região em região para aprender as danças tradicionais das diferentes etnias que compõem a população moçambicana, fazendo posteriormente um trabalho de reelaboração e composição coreográfica, a fim de as adaptar para serem apresentadas em palco. Além da recolha de material, estas visitas têm como propósito a formação e a educação cívica e sanitária. A CNCD foi dirigida desde a sua fundação por várias personalidades: de 1981 a 1982 a direcção foi de Raúl Baza, cantor, humorista e bailarino; de 1982 a 1983, de Anabela Roldan, David Abílio Mondlane; Álvaro Castiano Zumbir de Portugal; Salomão Manhiça; Amélia Carlos, Luís Naene e Casimiro Cosme Nhusi. (Soromenho 2013, p. 17).

## **Conclusões**

A pesquisa concluiu que, a dança *Zore* chegou à localidade de Golo com algumas comunidades formadas por bitongas de um grupo tribal “*Pale*” oriundas da cidade de Inhambane fugindo da opressão portuguesa, rumando em direcção ao interior, estabeleceram-se na região de Golo habitada pelos “*matsuas*”. Chegados à região, este grupo tribal influenciou a comunidade nativa através da sua prática. Portanto, a dança *Zore* contribuiu na educação local, uma vez que, suas canções eram e são de intervenção social, (respeito mútuo, tolerância, solidariedade, respeito as pessoas idosas e o respeito pelas diferenças).

A pesquisa concluiu que, no período colonial várias tradições do passado foram distorcidas não se descartando a dança *Zore*, cuja sua prática desde então, havia sido extinta. As populações nativas já não tinham direito de praticá-la livremente, o que significa que, nesta localidade, a dança tradicional *Zore* foi desprezada e desqualificada. Foi neste processo de desqualificação que os precursores da colonização portuguesa em Moçambique e, em particular na província de Inhambane não queriam a exaltação da cultura dos povos autóctones sob o argumento de que deviam converter se para a religião católica. Todavia, a mesma continuou a ser praticada de forma discreta e, nalguns casos como elemento de contestação da colonização. O período pós-colonial, deu alguns *inputs* na dança ao integrar crianças. De facto, com as mudanças estruturais ocorridas em Moçambique a partir da década de 90 e os efeitos da globalização permitiram algumas alterações na dança *Zore*. Portanto, a dança *Zore* não ficou parada no tempo porque, o homem pela sua natureza é produto das relações.

## **FONTES CONSULTADAS**

### **ENTREVISTAS**

Armindo Adriano, Membro da dança Zore, Entrevista realizada na sua própria residência, localidade de Golo, dia 13 de Julho de 2015.

César Augusto, Dançarino da dança Zore. Entrevista realizada na sua própria residência, localidade de Golo, dia 13 de Julho de 2015.

Domingos José Artur, Líder da dança Zore. Entrevista realizada na sua própria residência, localidade de Golo, dia 13 de Julho de 2015.

Gilda António, Dançarina de Zore. Entrevista realizada na sua própria residência, localidade de Golo, dia 13 de Julho de 2015

Gonçalves Zacarias, Assistente de Zore. Entrevista realizada na sua própria residência, localidade de Golo, dia 13 de Julho de 2015

Jacinto Kofe. Líder comunitário. Entrevista realizada na sua própria residência, localidade de Golo, dia 13 de Julho de 2015

Laura Pascoal, Dançarina de Zore. Entrevista realizada na sua própria residência, localidade de Golo, dia 14 de Julho de 2015

Renalda Domingos. Assistente de Zore. Entrevista realizada na sua própria residência, localidade de Golo, dia 14 de Julho de 2015

Roberto Samunson, dançarino de Zore. Entrevista realizada na sua própria residência, localidade de Golo, dia 14 de Julho de 2015

Roberto Castro, Assistente de Zore. Entrevista realizada na sua própria residência, localidade de Golo, dia 14 de Julho de 2015

Venâncio Zacarias, Líder comunitário. Entrevista realizada na sua própria residência, localidade de Golo, dia 14 de Julho de 2015

### **BIBLIOGRAFIA**

AUGÉ, Marc. *Os domínios do Parentesco (Filiação, Aliança Matrimonial, Residência)*, Lisboa, Edições 70, 2003, 156 p.

CASTRO, Belmiro V. J. *A dança como umas estratégias de ensino Fundamental no Brasil: Revista de Administração*. Rio de Janeiro, 1994, 97p.

FERREIRA, Naura syria Carapeto. *Formação contínua e gestão da educação no contexto da cultura globalizado: Formação Contínua e Gestão da Educação*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo, Cortez editor, 2006, 264p

FUSARI, Maria F. de Rezende e FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. *Arte na Educação Escolar*. São Paulo, Cortez editora, 1993, 234p.

JUNOD, Henri Andre. *Usos e Costumes dos Bantu*. Editor: Arquivo Histórico de Moçambique, Maputo, 1996, 868 p.

JIKEDA, Alberto Tsuyoshi; PELLEGRINI, Filho Américo. *Celebrações populares: do sagrado ao profano*. In: *Centro de estudos e pesquisas em educação e acção comunitária. Terra Paulista: Histórias, artes, costumes*. v. 3, São Paulo, Imprensa Oficial editora, 2008, 207p.

MAE, *Perfil do Distrito de Homoíne: Província de Inhambane*, Maputo, 2007.

MAÚSSE, Miguel Aurélio. *Pobreza, Participação e Desenvolvimento Rural em Moçambique. Estudo de Caso na Localidade de Xinginguire*. Dissertação de Mestrado, UEM, Maputo, 2009, 167p.

MARTINEZ, Francisco Lerma. *Antropologia Cultural. Guia para o Estudo*, Maputo, ISMMA, 2002, 202p.

MEYER, D. E. *Do Poder do Género: uma articulação teórica – analítica*. Porto Alegre, Artes Médicas editora, 1996, 134p.

NGOENHA, Severino E & CASTIANO, José P. *Pensamento Engajado. Ensaios sobre Filosofia Africana Educação e Cultura Política*. Maputo, UP, CEMEC, Editora Educar, 2011, 249p  
OSÓRIO, Débora. *A dança como uma ferramenta fundamental na inclusão social*. São Paulo, 2002, 453p.

RIBEIRO, Armando. Pe. *Antropologia, Aspectos culturais do povo changana e a problemática Missionária*, Lisboa, Edições Paulinas, 1998, 201p.

RIVIÈRE, Claude. *Introdução à Antropologia*, Lisboa, Edições 70, 2011, 189p.  
Secretariado do Governo Distrital de Homoíne (SGD). *Caracterização e Divisão Administrativa do distrito de Homoíne*. 2010, 26p.

SOROMENHO, Sofia. *Dançar as vicissitudes de uma nação: Tradição e Contemporaneidade nas Companhias Nacional de Canto e Dança de Moçambique: Transacções criativas e debates identitários em Gold, de Rui Lope Graça*. Lisboa, 2013, 156p.

### **Artigos Científicos Consultados**

ROSA, Brunna. *O resgate da cultura popular brasileira*. Entrevista com Isaac Loureiro, publicada no site da Revista Fórum, dia 17 de Junho de 2008. Disponível em: [brasileira](#), acesso em 8/10/2014.